

**OS PADRES DIOCESANOS NA IGREJA DO BRASIL:****Nota histórica e teológica a partir de um livro**

Antonio Alves de Melo<sup>(\*)</sup>

Costumava-se dizer em tom de brincadeira: “Os religiosos fazem voto de pobreza e os padres diocesanos o cumprem”. Havia muito de verdadeiro neste dito. Escreve o poeta Horácio: *Ridentem dicere verum quid vetat?* Em português: *Que é que poderia impedir aquele que ri de dizer a verdade?*<sup>1</sup> Brincando se dizem coisas sérias.

O dito acima vale também para a história. Os religiosos aqui aportados a partir do século XVI tiveram seus cronistas, especialmente os jesuítas. Seus feitos ficaram assim registrados. Os padres seculares ou *Presbíteros Seculares do Hábito de São Pedro*, como se dizia no passado, os padres diocesanos, como dizemos agora, não tiveram a mesma sorte. Sabemos um pouco de sua atuação. Muito mais resta ser conhecido. Em sua história se misturam testemunhos de fé profunda, empenho pastoral heróico, fatos jocosos ou tristes, nomes carinhosamente conservados pelo povo<sup>2</sup>.

O professor americano Kenneth P. Serbin publicou anos atrás o livro *Padres, celibato e conflito social. Uma história da igreja católica no Brasil*<sup>3</sup>. O título parece demasiado abrangente. Depois de um panorama histórico mais amplo, o autor se detém em experiências recentes, com destaque para o Instituto de Teologia do Recife (ITER). Mais do que uma história da nossa igreja, trata da formação para ser padre e do exercício do sacerdócio em um momento quente do século passado, situando-os no horizonte da história da nossa igreja.

**A ROMANIZAÇÃO E O CATOLICISMO POPULAR**

O processo de colonização iniciado em 1530 não cuidou da organização de sólidas estruturas eclesiais. Esse descuido acarretou consequências que perduraram nos séculos seguintes. Somente no século 19, com a chamada *romanização*, a igreja do

<sup>(\*)</sup> Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana, Roma, Itália.

**Email: antomaguim@gmail.com**

<sup>1</sup> Cf. P. Rónai, *Não perca o seu latim*, 2ª edição revista e ampliada, Nova Fronteira, Rio, 1980, 158

<sup>2</sup> Quatro obras básicas sobre a história da igreja no Brasil: A. Rubert, *A Igreja no Brasil*, 4 vols., Pallotti, Santa Maria, 1981-1993; E. Hoornaert e outros, *História da Igreja no Brasil*, 3 vols., Paulinas/Vozes, São Paulo/Petrópolis, 1992-2008; D. R. Vieira, *O processo de reforma e reorganização da igreja no Brasil*, Santuário, Aparecida, 2007; Id. *História do Catolicismo no Brasil*, 2 vols., Santuário, Aparecida, 2016.

<sup>3</sup> Companhia das Letras, São Paulo, 2008

Brasil se estruturou com maior solidez, porém a um preço muito elevado: a desvalorização do catolicismo dos três séculos anteriores. Apesar de suas limitações, ele imprimira em nosso povo alguns traços profundamente cristãos. Os exemplos seriam incontáveis. Recordo as recomendações escritas que o poeta Carlos Drumond de Andrade recebeu de sua mãe e conservou em sua carteira até o fim da vida: “1. Não guardes ódio de ninguém; 2. Compadecer-te dos pobres; 3. Cala os defeitos dos outros”<sup>4</sup>. Tendo suas raízes no catolicismo colonial mineiro, onde fora largamente predominante a presença dos padres seculares, a mãe do grande poeta passa adiante os valores cristãos recebidos, evangelizando o filho que, agnóstico, foi um ser humano admirável. Conforme o historiador Eduardo Hoornaert, o principal erro da evangelização no Brasil está na idéia de uma “tabula rasa” cultural anterior à ação missionária ou devota. Este erro foi cometido também em tempos recentes quando em nome da renovação se desrespeitou a piedade do povo. Por exemplo, numa comunidade onde era fortemente presente a piedade popular, numa Sexta Feira Santa tudo se limitou à leitura do evangelho por um pequeno grupo de militantes!

No século 19 a igreja do Brasil chegara a uma situação em que se impunha como necessária uma reforma. Como encaminhar essa reforma? O catolicismo luso-brasileiro até então predominante enfrentava dificuldades. O clero brasileiro era muito independente em relação a Roma. Havia certo desinteresse em relação aos limites das imposições canônicas, haja vista os numerosos padres com mulher e filhos. A solução que acabou se impondo foi a chamada *romanização*. Ela se deu mediante a imposição de formas de controle doutrinal, jurídico-administrativo, litúrgico-devocional e pastoral. Nestes dois últimos campos buscou-se unificar normas e ritos, inspirar uma piedade individualista e orientar a ação pastoral conforme o esquema tridentino. Tudo isso sem levar devidamente em conta uma história de mais de três séculos, como se não valesse nada o catolicismo daquela “gente que tão negramente, caboclamemente, portuguesmente vivia”, no dizer do poeta Ascenso Ferreira. No entanto, o catolicismo luso-brasileiro era uma admirável expressão de fé, uma manifestação autêntica do ser igreja, capaz de integrar toda a sociedade, não obstante a ingenuidade social dessa integração. Era imperfeito, mas admirável em sua piedade popular.

## OS PADRES BRASILEIROS E O CATOLICISMO LUSO-BRASILEIRO

A realização dessas mudanças exigia uma atenção especial aos padres devido a sua influência. Não obstante suas falhas, eles possuíam qualidades admiráveis. Uma delas

---

<sup>4</sup> Carlos Drumond de Andrade, *Farewel*, Record, Rio, 1996, 10-11

era sua proximidade do povo seja no dia a dia seja nas revoltas e revoluções, entre elas a Inconfidência Mineira (1792) e a Confederação do Equador (1824). *A posição social dos padres, nota Rugendas<sup>5</sup>, nos princípios do século XIX, “é um dos traços mais belos e característicos do espírito moral dos colonos do Brasil: são conselheiros, amigos da família, consoladores, protetores dos oprimidos, mediadores nas dissensões e inimizades”... E se, de um modo geral, escreve Viriato Correia, “talvez não haja outro país que tenha como o Brasil a vida tão estreitamente ligada às batinas e aos buréis” não há uma só das nossas revoluções “que não tenha um padre ou um frade a bater-se pelo ideal da liberdade”<sup>6</sup>. Foram dezenas ou talvez mais os padres envolvidos nas lutas de nosso povo. Recordamos dentre eles os padres João Ribeiro, Miguelinho, Mororó, Roma, Antônio Pereira, José Ferreira Nobre e Lopes Gama. Infelizmente houve também padres que agiram de forma vergonhosa. Haja vista aquele que vendeu o próprio filho gerado com uma escrava.*

É importante recordar que apesar de sua fragilidade institucional, o catolicismo colonial brasileiro fizera surgir uma piedade popular admirável como expressão religiosa da fé, força de integração social e criadora de cultura. Com a romanização se iniciou o que alguns denominam uma europeização conservadora incapaz de enxergar a fé e a cultura anterior brotada da fé, o tesouro de práticas religiosas do catolicismo popular. Pelo contrário, as expressões da piedade popular foram consideradas superstição e ignorância. Embora desvalorizado e criticado, o catolicismo popular resistiu e acabou se impondo como expressão autêntica da fé católica e realização do ser igreja. A ele o *Documento de Aparecida* dedica alguns de seus mais belos números<sup>7</sup>.

#### PADRE CÍCERO ROMÃO BATISTA

Considero o padre Cícero Romão Batista uma figura emblemática nessa questão, sobretudo no acolhimento dos nordestinos que em massa o buscavam a fim de serem abençoados. Dele recebiam a bênção desejada, acompanhada de ensinamentos sobre o cuidado da terra, das plantas e dos animais. Foi um profeta da ecologia e da acolhida, atenção e carinho para com o povo pobre e abandonado. Em sua vida existem fatos e situações a serem esclarecidos a começar pelo conflito com a igreja oficial. Seja como for o “Padim Ciço” é amado e considerado pelo povo um de seus santos protetores. É profunda a comoção sentida ao participar de um dos jubileus celebrados anualmente em

<sup>5</sup> Rugendas (1802-1858) era um pintor alemão. Viajou por todo o Brasil de 1822-1825 com a missão científica do Barão de Langsdorf

<sup>6</sup> F. de Azevedo, *A cultura brasileira*, UNB/UFRJ, Brasília/Rio, 1996, 252

<sup>7</sup> *Documento de Aparecida*, nº 258-265

Juazeiro. Até anos atrás essa devoção era hostilizada pela igreja oficial. Graças, porém, à caridade pastoral de monsenhor Murilo, pároco de Juazeiro, acabou sendo reconhecida e assumida como prática pastoral da fé<sup>8</sup>.

#### PADRE-MESTRE IBIAPINA

Outra figura grandiosa é o padre José Antônio Pereira Ibiapina, mais conhecido como Padre Mestre Ibiapina. Sua vida foi muito movimentada. Ainda jovem passou pelo fuzilamento do pai e o assassinato de um irmão em virtude da participação em um movimento revolucionário. Estudou no seminário de Olinda e com os padres do oratório na igreja da Madre de Deus, no Recife. Impedido de prosseguir para cuidar da família, formou-se em Direito, atuou na política e no judiciário. Mais tarde, deixou tudo e passou três anos como quase eremita num subúrbio do Recife. Sabedor de suas qualidades e de seu testemunho de vida, o bispo de Olinda e Recife o ordenou padre. Após alguns anos como vigário geral e professor no seminário de Olinda, saiu em socorro das vítimas da peste em Areia, na Paraíba, dedicando-se daí para frente às missões populares, tendo percorrido a pé ou a cavalo milhares de quilômetros.

É admirável no Padre Mestre Ibiapina a capacidade de articular a dimensão religioso-litúrgica com a dimensão social. Em sua ação com o povo e em favor do povo, se destacam as Casas de Caridade dirigidas pelas beatas e beatos. Ali órfãos e outras crianças recebiam uma educação que as preparava para a vida no interior do Nordeste. Era uma pedagogia em sintonia com a realidade. Merece também ser lembrada a assistência das Casas de Caridade às vítimas da terrível seca de 1877. A obra de Ibiapina desapareceu, mas restou seu testemunho de presença junto ao povo e de uma prática da fé com o rosto da caridade. Após a morte do Padre Mestre em 1883, alguns vigários tentaram sustentá-la, mas os bispos preferiram trazer freiras européias para transmitir às moças da nascente burguesia uma educação mais sofisticada, um estilo de vida bem diferente da realidade em que viviam, ao contrário da pedagogia usada nas Casas de Caridade<sup>9</sup>. Nelas, as órfãs e as outras alunas aprendiam a ser boas donas de casa conforme as condições de vida daquela região, naquela época.

Enfim, o Padre Mestre Ibiapina compreendeu que “ser padre é muito mais do que distribuir bênçãos, é estar junto daqueles que perderam tudo”. Daí seu amor pelo sofrido povo nordestino, sua religiosidade e sua cultura.

---

<sup>8</sup> Cf. R.D. Cava, *Milagre em Joazeiro*, 3ª edição, Companhia das Letras, São Paulo, 2014; L. Neto, *Padre Cícero: poder, e guerra no sertão*; Companhia das Letras, São Paulo, 2009

<sup>9</sup> Cf. E.L.T. de Carvalho, *A missão Ibiapina*, Berthier, Passo Fundo, 2008. Uma síntese completa da vida e atividade do Padre Mestre Ibiapina se encontra em G.V. de Carvalho, O padre Ibiapina, um homem que viveu e morreu pelo seu povo, *REB* 43, 1983, 103-133

## A ROMANIZAÇÃO E OS PADRES

A romanização formou um clero com traços comuns na piedade e na disciplina, embora fossem poucos aqueles que observavam por inteiro o aprendido no seminário. Nem era possível observar se pensamos no cotidiano de uma paróquia brasileira da época. Entre rigoristas e bonachões, a grande maioria ia fazendo o que podia. Quanto à política não eram muitos os padres envolvidos diretamente nela. Porém era comum o vigário tomar partido por esse ou aquele candidato, esse ou aquele partido. No lugarejo onde nasci, Serra Redonda, na Paraíba, Padre Joaquim era um vigário dedicado e dinâmico, mas também um udenista ferrenho. Em relação ao celibato, havia um esforço heróico para observá-lo, embora existissem situações de não observância conhecidas por todos. Conservo até hoje profunda admiração por um padre do meu tempo de menino por ser uma pessoa de admirável dignidade. Dirigia firmemente um colégio e aos domingos atendia numa comunidade da periferia. Tinha, porém, mulher e filhos. Muita gente sabia, mas ninguém dava muita importância. Valia mais sua postura humana. Visitando um padre amigo, ouvi dele que em sua arquidiocese pelo menos seis padres tinham mulher. A situação era do conhecimento de todos e todos a aceitavam, inclusive o bispo conservador.

## O CATOLICISMO POPULAR

O preconceito contra a piedade popular esteve presente em todo o processo de romanização e continuou manifestando-se também na renovação litúrgica pós-conciliar. Influenciada inicialmente por práticas inspiradas no movimento litúrgico europeu, voltou-se posteriormente para a busca de uma liturgia inculturada. Nesta e noutras questões devemos levar em conta a indiferença e a hostilidade da parte de padres brasileiros, vítimas do lamentável complexo de inferioridade que nos acompanha como se fôssemos eternos colonizados, e de padres estrangeiros incapazes de superar o inconsciente colonialista, não obstante sua generosidade missionária. Seguem dois exemplos. O primeiro são os templos construídos com inteiro desconhecimento da arquitetura de nossas belas igrejas antigas. Existem templos novos construídos por missionários que lembram as igrejas da Europa, prontas para a nevada do próximo inverno. O segundo foi a postura de corajosos missionários que vieram para cá dispostos a lutar pela libertação do povo, sem levar em conta o povo brasileiro real, os percalços de sua história, as conseqüências desses percalços na vida e na mentalidade do povo, a beleza da cultura popular nascida em meio a tanta opressão e tanto sofrimento.

Creio que esteja aqui uma das razões daquele chiste repetido em passado recente: “A igreja fez opção pelos pobres, mas os pobres não fizeram opção pela igreja”. Walnice Nogueira Galvão afirmou na abertura da FLIP/2019 em Parati: “Euclides (da Cunha) viu de perto, pela primeira vez, o povo brasileiro. Viu que o povo brasileiro é mestiço, messiânico, analfabeto, e não os brancos ricos do Rio de Janeiro”. Quem é o povo brasileiro hoje? Se seus atuais governantes não o amam, como a igreja pode amá-lo e testemunhar seu amor na ação pastoral?

## OS PADRES BRASILEIROS

“Brasileiro não serve para ser padre, menos ainda para ser frade”, confessava um religioso europeu a um confrade brasileiro no dia em que este fora ordenado bispo, reconhecendo assim o equívoco de seu preconceito. Os fatos mostraram que brasileiro serve para ser frade, padre e bispo. Na formação dos padres foi importante a atuação dos lazaristas. Eles dirigiram por muitos anos diversos seminários em vários estados. Vindos da França, antes da chegada deles houve quem pensasse numa congregação religiosa brasileira para a formação dos padres brasileiros, mas a idéia não foi adiante por falta de apoio. Mesmo assim não podemos esquecer os seminários dirigidos por padres diocesanos brasileiros, onde a formação transmitida era de muito boa qualidade, embora na linha da romanização. Lembro um deles, o seminário da Paraíba, donde saíram padres muito bem qualificados para o ministério. Conheci alguns de seus ex-alunos como vigários em Serra Redonda: os padres Joaquim Simões, Edgar Toscano, João Félix e Letício Azevedo. Foram autênticos pastores. Contribuíram para a edificação da comunidade paroquial, cada um com suas qualidades e suas limitações. Dois dentre os ex-alunos do seminário da Paraíba que chegaram ao episcopado, tiveram atuação marcante na renovação conciliar, juntamente com aquele grupo de bispos que compreenderam em profundidade o ensino do Vaticano II. Luís Fernandes e Antônio Fragoso atuaram não para modernizar a igreja, e sim para fazê-la voltar ao Evangelho, encarnada na realidade presente, a caminho do reino de Deus. O mesmo vale para Waldyr Calheiros. Formado no seminário do Rio de Janeiro sob a direção de padres diocesanos brasileiros, exerceu um pastoreio marcante na diocese de Barra do Pirai-Volta Redonda, particularmente na corajosa defesa dos pobres e dos trabalhadores.

## OS PADRES BRASILEIROS: QUE AMANHÃ?

Atualmente acontece um aumento de vocações para o presbiterado que mais preocupa do que alegra. Brasileiro serve para ser padre, sim. O que se questiona é a

motivação dessa busca do ministério presbiteral e a visão de seu exercício. Ensina o Vaticano II na *Presbiterorum ordinis*, 5: *Pouco aproveitarão as cerimônias ainda que belas, as associações mesmo florescentes, se não se orientarem a educar os homens à maturidade cristã*. A missão dos padres se apóia na identidade teológica do ministério presbiteral e se desdobra na realização de um estilo de vida com suas diversas dimensões, a começar por uma sólida espiritualidade. A ação pastoral não pode ficar limitada à presença junto a praticantes piedosos. É preciso ir muito além, fazendo-se presente no mundo e inserindo-se na cultura atual. “Viver é muito perigoso” também para os padres, conforme ensina o *Documento de Aparecida*<sup>10</sup>.

Em passado recente, a perspectiva de transformações sociais pôs em ação as energias de muitos padres, levando-os em alguns casos à entrega da própria vida. O momento presente quase se opõe a esse passado, mas o desafio da luta pela libertação permanece e cresce, uma vez que ao crescimento da desigualdade social se acrescenta o aumento mundial da estupidez. Se Aquele de quem os padres são ministros se afirma como sendo o caminho, a verdade e a vida (cf. Jo 14,6), o combate contra a mentira e a estupidez agora transmitidas pela mais sofisticada tecnologia, faz parte do anúncio do Evangelho. Como os padres vão responder a tais desafios? Conforme a resposta dada, a igreja pode vir a ser na história o pequeno, mas forte sinal-sacramento do reino de Deus ou se tornar uma seita de pessoas alienadas.

O padre não pode ser aquele que faz tudo, e sim quem preside a comunidade, reconhecendo os carismas nela manifestos e abrindo espaço para seu exercício seja através de ministérios leigos, seja através de serviços não-ministeriais. Põe-se ainda o desafio de uma compreensão mais larga do ministério presbiteral com a discussão em torno da ordenação de homens casados em determinadas regiões. Ali inúmeras razões apontam nessa direção.

Concluo recordando o primado do discipulado na igreja. No passado falava-se muito em “dignidade sacerdotal”. Ora, na igreja existe somente uma dignidade: ser discípulo de Jesus. Tudo o mais, também o ministério ordenado, existe para ajudar na realização dessa dignidade em todos os fiéis.

(Recebido em julho de 2019; aceito em julho de 2019)

<sup>10</sup> *Documento de Aparecida*, n° 191-204